

Aspectos do *portunhol* na fronteira Brasil-Uruguai
Aspects of Portunhol in the border between Brazil and Uruguay

Isabella Mozzillo

Universidade Federal de Pelotas, Brasil
isbellamozzillo@gmail.com

Resumo: Na fronteira brasileiro–uruguaia, há diversas variedades de contato juntamente com o português e o espanhol padrão e popular. O *portunhol*, também chamado de *dialetos portugueses do Uruguai*, é uma delas. Tal situação representa um caso de bilinguismo com diglossia. O Uruguai e o Brasil têm políticas linguísticas historicamente dirigidas para o monolinguismo nas línguas oficiais, respectivamente, o espanhol e o português. Assim, sendo práticas essencialmente orais, tais variedades híbridas são bastante raras na forma impressa. No presente trabalho, através de um *corpus* de representação literária breve, mostro que alguns elementos linguísticos provenientes dessas variedades de contato possam ser produtos de *code-mixing*. Esse fenômeno representa um momento intermediário dentro do *continuum* que começa com o *code-switching* e origina a fusão de letos, variedades mistas, um terceiro código estabilizado com uma gramática misturada, de acordo com a classificação de Auer (1999).

Palavras-chave: Code-mixing; fronteira Brasil-Uruguai; variedades em contato.

Abstract: In the Brazilian–uruguayan border there are several contact varieties along with standard and popular Portuguese and Spanish. *Portunhol*, also called Uruguayan Portuguese Dialects, is among them. This situation represents bilingualism with diglossia. Uruguay and Brazil have language policies historically directed to monolingualism with both national and official languages. So, these are essentially oral practices which means that such hybrid varieties are quite rare in printed form. In

the present work, through a brief literary representation corpus, I show some linguistic elements that come from these contact varieties which I believe to be code-mixing products. This phenomenon is an intermediate moment inside the continuum that starts with code-switching and originates fused lects which are mixed varieties, third codes stabilized with mixed grammar according to Auer classification (1999).

Keywords: Code-mixing; Brazilian-uruguayan border; contact varieties.

1 A fronteira em questão

A região fronteira brasileira-uruguia caracteriza-se pela coexistência de mais de um sistema linguístico, já que, ao lado das línguas majoritárias – o português, língua oficial do Brasil, e o espanhol, língua do Estado, embora não oficial do Uruguai (Behares 2010) –, há diversas variedades de contato.

Do lado do Brasil, fala-se o português com traços do espanhol, enquanto que do lado do Uruguai, juntamente com o espanhol, existem os denominados DPU - Dialetos Portugueses do Uruguai (Elizacín, Behares & Barrios, 1987), variantes de base lusitana que se falam no norte do país por força da situação histórica da fronteira.

Durante séculos as coroas portuguesa e espanhola disputaram os limites territoriais cispatinos, o que implicou indeterminação das fronteiras até meados do século XVIII. Foi apenas no século XIX que o Tratado de Limites delimitou-as, obrigando brasileiros que habitavam no norte do território a se tornarem uruguaios e a aprenderem o espanhol, tendo como base linguística a língua portuguesa.

Lopes (2011:4) afirma que

para conter a forte presença luso-brasileira na área limítrofe do Uruguai e manter o controle do Estado sobre a sociedade, foram adotadas medidas que propunham a uniformidade social e linguística da nação, tais como: a fundação de cidades uruguaias em frente às brasileiras existentes na fronteira (Cuareim, atual Artigas; Villa Artigas, atual Rio Branco; e Villa Ceballos, atual Rivera); o envio de colonos uruguaios, italianos e de outras origens; e a fundação de escolas públicas com o ensino universal do espanhol, a fim de propagar a sedimentação do idioma nacional, por meio da obrigatoriedade do ensino do espanhol e o povoamento na fronteira.

Conforme Behares (2010), a área fronteira que vai do Rio Uruguai (entre a Foz do Rio Ibicuí e a margem norte da Lagoa dos Patos) até o Rio Negro no Uruguai caracteriza-se como uma zona híbrida, com traços que não pertencem nem à cultura brasileira nem à uruguaia, o que conforma um contínuo sociocultural.

Ainda de acordo com Behares (2003: 39), a população da região constituiu-se de forma muito diferente do uruguaio do sul e do brasileiro do centro-este, estando

muito dispersa no espaço e com mínimas referências de sua subordinação a estados, regimentos ou circunscrições. Agrupou no seu seio ao camponês (paisano) mestiço, muitas vezes descendente de espanhóis e portugueses em ventres guaranis, ao gaúcho, resultado de múltiplas mestiçagens e submerso em uma liberdade sem contexto e ao fazendeiro português, colono na primeira geração e mais semelhante ao bandeirante do que ao camponês na segunda.

Assim, é possível concluir que

a língua portuguesa se impôs sobre a base preponderante do guarani missioneiro, não sem a presença esporádica do espanhol. Por volta de 1800, é possível imaginar que o guarani e o português coexistiam como línguas gerais de comunicação, com jogos de mútua influência. Sem sombra de dúvidas, a fala da região acabou se definindo de acordo ao polo da língua portuguesa. (Behares 2003: 39)

Foi apenas no fim do século XIX que a fronteira passou a ter a forma atual e nessa região, por conseguinte, habitou uma sociedade com características distintas e híbridas, na maior parte ágrafa, estabelecida no ambiente rural, cuja língua era o português aprendido sobre bases guaranis, com influência evidente do espanhol.

Dessa forma, na atualidade a zona fronteira apresenta uma situação linguístico-cultural multilíngue e/ou multidialetal, na qual os DPU raramente gozam de prestígio entre os próprios falantes nativos e convivem com as variedades altas em uma clara situação de bilinguismo com diglossia.

Segundo Behares & Díaz (1998:10), os DPU são uma variedade eminentemente oral e conversacional,

existiendo en su forma “pura” en comunidades de naturaleza “agrafa” o con amplio porcentaje de analfabetos. La escritura y sus funciones sociales permanecen ligadas [...] a las llamadas variedades altas, el español y el portugués.

Sendo práticas essencialmente orais, tais variedades híbridas raramente aparecem impressas, já que tanto o Uruguai como o Brasil caracterizam-se por uma política linguística historicamente direcionada ao monolinguismo nos respectivos idiomas nacionais ou oficiais.

Neste trabalho apresento elementos linguísticos dessas variedades em contato acreditando serem produtos de *code-mixing* (CM) também denominado *language mixing* (LM). Tal fenômeno constitui um momento intermediário dentro do continuum de alternância de códigos que parte do *code-switching* (CS) e se dirige à criação de um terceiro código, a uma variedade mesclada estabilizada com uma gramática mista, também chamada de fusão de letos ou *fused lects* (FL). (Auer, 1999).

2 Línguas em contato e suas implicações

Na sua maioria, os estudos dentro da Linguística de contato no Brasil tratam do *code-switching* ou alternância de línguas, fenômeno que ocorre durante a conversação entre bilíngues que compartilham o mesmo par de línguas.

Tal interesse científico deriva do fato de que todo falante bilíngue utiliza amplamente o CS ao interagir com um interlocutor que ele reconhece como detentor do seu mesmo par de línguas. Lançar mão de elementos de uma e outra língua durante a conversação bilíngue ativando e desativando-as é um recurso comunicativo natural e inerente à condição de usuário de mais de um idioma, sendo uma estratégia de adaptação comunicativa interessante do ponto de vista pragmático.

Apesar disso, ainda hoje alternar de língua durante a conversação muitas vezes é considerado pelos leigos, inclusive bilíngues, um déficit de quem não fala bem língua nenhuma e, em última instância, um certo insulto à pureza gramatical de cada sistema linguístico.

Tanto falantes monolíngues como bilíngues podem ter preconceitos e alguns negam a prática ou a explicam pelo fato de sentirem “preguiça de pensar”. Contudo, sabe-se que alternar não significa misturar agramaticalmente duas línguas não totalmente dominadas, sendo, pelo contrário, uma habilidade linguística cujo principal objetivo é transmitir informação linguística e social. Assim, o CS não é uma estratégia alternativa empregada por falantes incapazes de manter a conversa no idioma no qual esta começou. Trata-se claramente de uma estratégia de negociação de significados sociais entre o locutor e o interlocutor bilíngues.

Adoto a classificação de Dabène & Moore (1995) para o CS, a saber, *intra-sentencial*, *intersentencial* e entre enunciados.

O CS *intra-sentencial* ocorre quando há inserções de outra língua dentro da sentença. Elas podem ser unitárias (no caso de apenas um elemento), ou segmentais (segmentos de uma língua se alternam com partes da outra deixando ambas inalteradas). Muito frequente é o caso da inserção no discurso de palavra de outro sistema, que pode ter perfeita adaptação à estrutura e à pronúncia do idioma no qual se desenrola a conversação, ou, contrariamente, podem não existir nenhuma adaptação à língua de base permanecendo a pronúncia original.

O CS *intersentencial* ocorre quando os idiomas se alternam de uma sentença a outra, em turnos próximos e dentro do mesmo tópico de conversação. Dessa forma, uma sentença se produz em uma língua e a seguinte, no próximo turno do mesmo falante, na outra.

O CS entre enunciados significa a alternância para a outra língua após um período bastante longo de uso da primeira dentro de um mesmo diálogo.

Para fins deste trabalho, interessa a diferenciação feita por Auer (1999) entre o fenômeno do CS e o do CM ou LM. No primeiro há justaposição de códigos com significado local para os locutores. Por outro lado, o CM ocorre quando o significado é dado justamente pela justaposição não localizada na conversa dos falantes, mas de forma mais global, quando há padrões recorrentes.

A transição entre um fenômeno e o outro depende de uma série de fatores, sendo que o resultado é a mistura estabilizada ou fusão de letos (FL). Ainda para o autor, a tendência é que o uso do CS se espraie em direção ao uso do CM, sendo o contrário pouco comum.

Em geral, quando se trata do CS, cada língua é bastante reconhecível no seu uso alternado. Por outra parte, o CM é um CS não marcado, o que torna mais difícil estabelecer a língua de base. Normalmente se forma por justaposição tendo significação mais social do que pessoal.

O CM integra, desse modo, o repertório linguístico do grupo social não excluindo o eventual uso do CS com uma ou mais línguas na variante monolíngue que haja na comunidade. Para Auer (1999), é comum que o CM tenha um nome dado por seus falantes. No caso em questão na fronteira Brasil/Uruguai, um dos nomes é *portunhol*.

Sendo a conversação bilíngue, com seu inerente fenômeno do CS, mais marcada do que a conversação monolíngue, pode ocorrer perda da força pragmática havendo alta frequência de uso em determinada comunidade. Assim, ao perder força comunicacional, passa a ocorrer o CM porque em certo ponto do desenvolvimento bilíngue do grupo surge uma ambiguidade

estratégica, o que o obrigaria a definir melhor sua identidade em relação aos dois grupos de falantes das línguas que estão em contato. A transição entre CS, CM e FL se completa tão logo os falantes deixam de falar uma ou outra língua e passam a preferir a variedade mista, com estrutura linguística mais ampla. Normalmente, uma das línguas é a dominante, a língua de base. A partir desse momento, os falantes podem ser bilíngues, trílíngues ou só monolíngues dessa variedade.

A comunidade pode se estabilizar linguisticamente num ponto do contínuo, não chegando necessariamente à FL. A diferença do CM para a FL é apenas gramatical, pois parecem semelhantes na superfície. Assim, a fusão costuma ocorrer duas ou três gerações mais tarde, quando a estrutura gramatical se sedimenta na mescla.

De acordo com Matras (2000a), toda língua é misturada, pois seus componentes podem ser traçados em mais de uma fonte linguística segundo sua história de contato. Levando esse fato em consideração, deve-se ver que quando a literatura trata de línguas “mescladas, misturadas, mistas”, está fazendo referência a um padrão de mescla maior do que o que ocorre comumente, com maior densidade dos fenômenos de contato.

Há diversos fatores que motivam as mesclas, o que implica que as línguas mistas não sejam uniformes. Consoante Auer (2000), as línguas mistas aparecem em diversos contextos sociolinguísticos e por diferentes necessidades. Muitas vezes apontam a afiliação a um determinado grupo social e às vezes justamente apontam a não afiliação a outro grupo social determinado, em geral, majoritário.

A alternância de códigos ou CS se torna CM quando se transforma em obrigatória, quando deixa de ser uma opção para o falante. O CM requer algum tipo de sedimentação estrutural: uma variedade fundida ou língua mesclada ocorre quando a alternância linguística se introduz no sistema gramatical, no momento em que os elementos de contato deixam de ser opcionais e se tornam obrigatórios.

Ainda segundo Auer (1999), o contato linguístico progride do CS, em que a alternância entre duas variedades é usada para designar sentido, passando pelo CM, durante o qual os códigos são usados complementariamente, mas se perdem certas distinções até o extremo da fusão de letos, em que não há mais como reconhecer os contrastes.

Por outro lado, Gardner-Chloros (2000) afirma que nem sempre é assim: muitas situações de contato não chegam ao fim do processo: nem todos passam de CS a CM e a FL. Em algumas comunidades os três estágios podem estar presentes em sincronia em diferentes grupos ou contextos. Assim, a fusão não

pode ocorrer sem que hajam ocorrido os demais em estágio anterior, mas nem todo CS passa a CM e nem todo CM acaba em FL.

O que define o grau da mistura não é apenas o conjunto de evidências gramaticais, mas as funções comunicativas e a história sociolinguística dos falantes. O grau vai depender da história da aquisição linguística de cada usuário, das pressões sociolinguísticas que influenciam sua vida e seus falares, além dos vários contextos e funções da situação de contato que levam aos sistemas mistos.

Matras (2000b) considera que a grande diferença do CS para o CM é que este é já um sistema convencional, em que a alternância não mais ocorre como uma opção sincrônica. As condições de emergência do CM dependem da habilidade de os falantes mexerem com diversas línguas num estágio inicial.

As orações mistas não são como as do CS, em que se ativam elementos de cada língua, mas ativações de elementos que tiveram origem na outra língua e que já passaram por processos de mistura e estão convencionalizados.

Assim sendo, posso considerar que os DPU ou o portunhol, numa de suas denominações nativas, são sistemas linguísticos mistos, constituem-se como CM e que, portanto, seus elementos do espanhol e do português encontram-se mesclados.

3 Breve ilustração do CM da fronteira Brasil/Uruguai em obras literárias

De acordo com Millán, Sawaris & Welter (1996), a realidade sociolinguística na fronteira uruguaio-brasileira apresenta diglossia do lado uruguaio, já que coexistem o espanhol padrão, a variedade subpadrão (fronteiriço, portunhol ou DPU) e o português padrão em menor grau. Para tais autores, duas dessas variedades, o espanhol e o fronteiriço, se distribuem diglossicamente, com funções que não se sobrepõem. Do lado brasileiro, convivem o português padrão com o dialeto subpadrão influenciado pelo espanhol (português gaúcho da fronteira), com função também estratificada.

Conforme Elizaincín, Behares & Barrios (1987), nas línguas incipientes ocorrem simplificações com relação às gramáticas das línguas que as originaram.

A seguir, apresento uma breve ilustração do CM da fronteira, do lado uruguaio, com comentários sobre os elementos hibridados. A questão da proximidade estrutural de ambas agrava a situação e impede ver, muitas vezes, qual era de fato a língua empregada na origem em cada caso. Quando as línguas são mais distantes, como o inglês e o suáli, que exemplificam trabalhos de Auer (1999), parece que a tarefa de detectar a provável origem das partes do CM torna-se menos penosa.

Escolhi o corpus de representação do portunhol em que se evoca ou imita tal fala híbrida dentro da Literatura porque, nas palavras de Lopes (2011: 8),

no âmbito artístico, há inúmeras manifestações marcadas pelas mais diversas expressões do “popular”, como o que acontece com o portunhol, que tem sido cada vez mais representado na linguagem escrita de literaturas regionais.

Nos três textos que veremos a seguir, poesias e canções coletadas por Behares & Díaz (1998), é possível observar que a ortografia é variável, já que cada autor emprega a transcrição ortográfica que mais lhe agrada, ora mais ligada ao sistema do português (abreviado aqui com a letra **P**), ora mais relacionada com o do espanhol (abreviado aqui com a letra **E**). A oralidade é fator marcante, assim como os termos populares, o que significa que a língua falada é transposta de forma bastante peculiar.

Observe-se primeiramente o poema de Santiago Benítez (Behares & Díaz 1998:55).

*Cuando aparecen todas esas caras
 esa cara
 esas obligaciones juntas
 cumprir con esas caras,
 con esas obligaciones,
 todas yuntas
 Intão aparece la saudadi tambein,
 me lembrando de mañana
 ¿Pa qué merda me sirve la lógica?
 Sei la
 Preciso saberla, coniecerala,
 no hay como escapular,
 y ainda mais,
 ese ruido maluco
 fico así,
 medio. . .
 sin yeito. . .
 ¡Te! me deixa
 me dejen sólo
 ¡me dejen sólo carajo!
 [...]*

A partir de sua leitura, há elementos que chamam a atenção no relativo ao uso ora do E, ora do P, ora de formas e expressões híbridas.

Cuando aparecen todas esas caras tudo parece ser E nos dois primeiros versos

esa cara

esas obligaciones juntas o r demonstra hibridação com o P pois o resto da palavra está em E

cumplir con esas caras, *cumplir* está em P e o restante parece que não

con esas obligaciones, mesma situação do 3º verso

todas yuntas o y correspondente ao som [ʒ] em E e representa a pronúncia igual à do P

Intão aparece la saudadi tambien, exceto o artigo, o restante parece estar em P. Não há til mas circunflexo no *intão*

me lembrando de mañana metade da frase em cada língua

¿Pa qué merda me sirve la lógica? salvo *merda*, o resto está em E, inclusive sinais de pontuação

Sei la expressão e forma em P, embora falte o acento

Preciso saberla, coniecerla, a expressão *preciso* + *infinitivo* é mais usada em P, embora os verbos estejam em E, havendo hibridação: *conocerla* – *conhecê-la*

no hay como escapulir, *escapulir* é P, o resto é E

y ainda mais, o y pode estar representando apenas o som da conjunção e do P, que pode ter a mesma pronúncia

ese ruido maluco maluco é P coloquial

fico así, fico em P, *así* em E

medio... E

sin yeito... cada palavra numa língua, a expressão *sem jeito* é do P, embora o *sin* esteja em E e o *yeito* escrito com a letra que em E designa o som [ʒ]

¡Te! me deixa P

me dejen solo em E, embora com a sintaxe do P para o imperativo afirmativo, já que em E o pronome vem após o verbo: *déjenme*

¡me dejen sólo carajo! primeira parte em E com sintaxe do P, segunda parte correspondente ao E

Leia-se agora o poema de Rambo Pinto e Tatú (Behares & Díaz 1998: 63).

*Si us milco da segunda me prendé
y na última hora me levá,
eu pego sampo y soco u sacacorcho
y bebo até eles me soltá*

*Si mañá tein quermese in Yacaré
y andum disqu'i'us Mogambo vaun tocá,
a dedo, de a cavalo o nu Ferrera
cumendo terra, ya temo la*

*To solito y de folga todú mes
to contento y noum quero me maguá,
tanteio y teño plata nu bolsiyo,
Yacaré city, ya temo la.*

Podemos observar os seguintes fenômenos no texto que parece ter o português como língua de base:

Si us milco da segunda me prendé **si** tem a mesma pronúncia de *se*, não é possível saber por que o autor escreve assim, se é porque segue a escrita do **E** ou se quer escrever foneticamente em **P**; o acento agudo em **P** não se usa para marcar a pronúncia do [e], mas sim a do [ɛ], contudo, em **E** só existe esse tipo de acento
y na última hora me levá, o **y** é a escrita do som da conjunção e do **P** que tem igual pronúncia em geral
eu pego sampo y soco u sacacorcho até aqui parece **P** salvo a palavra **sacacorcho**
y bebo até eles me soltá mesma situação do **y**, *eles soltá*, *eles prende* são formas do **P** desprestigiado

Si mañá tein quermese in Yacaré mesma dúvida em relação ao **si**; *mañá* não é *amanhã* nem *mañana*, forma nova.
y andum disqu'i'us Mogambo vaun tocá, **P**
a dedo, de a cavalo o nu Ferrera a palavra **o** pode estar escrita em **E** ou apenas foneticamente segundo a pronúncia coincidente com o **P**
cumendo terra, ya temo la **temo** no lugar de *estamos* é uma variante popular em **P**

*To solito y de folga todú mes **solito é forma do E**
to contento y noum quero me maguá, a forma **contento**
corresponde à do **E**
tanteio y teño plata nu bolsiyo, **plata e bolsiyo** são formas do
E, embora esta não se escreva assim na variante padrão,
escrita com **ll**
Yacaré city, ya temo la*

Por último, vejamos o poema de Miguel A. Suárez (Behares & Díaz 1998: 47).

*“Pienso”,
Brasileras, Uruguayas*

*Me pongo a pensar
mientras un cigarrillo
pito
un nanaico a mi lado
me intenta ispirar
pero yo no consigo
pensar
Pensar en rialidá
penso, en alguey
que estove junto
a mí
pero no es la única
mina que crusa
por esta cabeza
maluca.
En rialidá no
puedo desidirme
en cuál pienso
en la flaca de acá
o la moroya
de lá.*

Observo que a maioria dos seguintes elementos linguísticos neste caso parece ser do espanhol:

“Pienso”,
Brasileras, Uruguayas
Me pongo a pensar os quatro primeiros versos estão escritos em E
mientras un cigarrillo
pito
um nanaico a mi lado
me intenta inspirar a forma não coincide com o padrão nem do E nem do P
pero yo no consigo
pensar
Pensar en rialidá forma não padrão do E, sendo a padrão realidad
penso, en alquey parece ter relação com o alguém do P, que tem a última sílaba tônica, diferentemente do E alguien, cuja tonicidade está na primeira sílaba
que estove junto estuve parece mais semelhante a estove do que à forma do P estive
a mí
pero no es la única
mina que crusa crusa e cabeza no verso seguinte estão escritas com s e não com z como é no E
por esta cabeza o s tem som de [s] em E e não de [z] maluca.
palavra do P coloquial
En rialidá no
puedo desidirme também s no lugar do c, ambos com o mesmo som [s]
en cuál pienso
en la flaca de acá
o la moroya palavra do E que se escreve morocha, tendo o ch o som [tʃ], mas se aparece escrito y, que tem o som [ʒ], é porque a pronúncia é outra
de lá. em vez de allá do E, a forma é do P.

Sem ter acesso à expressão oral destes poemas, não é possível ter certeza dos elementos fonéticos e prosódicos que podem demonstrar com mais vigor qual a língua de base em cada caso.

A escrita dos diferentes autores é muito interessante porque, como oportunhol não tem escrita codificada, qualquer tentativa de criar/adaptar/inventar/renovar a ortografia parece dar bastante vigor e força à língua. A forma dessa ortografia – praticamente individual e ad hoc – deve ser objeto de análises mais profundas e complexas por parte de estudiosos da área.

Em minha concepção, tudo leva a crer que se trata do fenômeno do CM e que funciona nas comunidades do norte do Uruguai como um marcador de identidade cultural da maior relevância. Reconheço, dessa forma, que muito deva ainda ser pesquisado e descrito para que se possa ter uma relativa certeza.

Referências

Auer, Peter. 1999. From code-switching via language mixing to fused lects: toward a dynamic typology of bilingual speech. *International Journal of Bilingualism*. 3(4): 309-332.

Auer, Peter. 2000. Mixing is functional (but what are the functions?) *Bilingualism: Language and Cognition*: 3(2): 137-144.

Behares, Luis Ernesto & Díaz, Carlos Ernesto. 1998. *Os som de nossa terra*. Montevideo: Asociación de Universidades, Grupo Montevideo, Universidad de la República y UNESCO.

Behares, Luis Ernesto. 2003. Uruguai/Brasil: contribuição ao estudo da heterogeneidade linguístico/cultural da fronteira sul. *Diálogos possíveis* 3: 29-45.

Behares, Luis Ernesto. 2010. Educação fronteiriça Brasil/Uruguai, línguas e sujeitos. *Pro-Posições* 21, n.3 (63), 9.17-24.

Dabène, Louise & Moore, Danièle. 1995. Bilingual speech of migrant people. In Milroy, L. & Myusken, P. (Eds.) *One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press.

Elizaincín, Adolfo; Behares, Luis & Barrios, Graciela. 1987. *Nós falemo brasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República.

Gardner-Chloros, Penelope. 2000. The tortoise and the hare: distinguishing processes and end-products in language contacts. *Bilingualism: Language and Cognition*. 3(2): 112-114.

Lopes, Nádia P. 2011. Oralidade na Literatura: a representação do portunhol na poesia fronteiriça de Agustín R. Bisio. *Anagrama* 4(2): 1-17.

Matras, Yaron. 2000 a. Mixed languages: a functional-communicative approach. *Bilingualism: Language and Cognition* 3(2): 79-99.

Matras, Yaron. 2000 b. Back to motivations: between discourse and grammar. *Bilingualism: Language and Cognition* 3(2): 126-129.

Millán, Guillermo; Sawaris, Gerri & Welter, Milton. 1996. El camino recorrido: lingüistas y educadores en la frontera Brasil-Uruguay. In Trindade, Adelma & Behares, Luis. (Orgs.) *Fronteiras, educação, integração*. Santa Maria: Pallotti.

Recebido em: 08/13/2012

Aceito em: 02/02/2013
